

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 07

Data: 28 de Junho de 1973

Pg.: 10

Indigenista condena a política da Funai

ELIANA LUCENA

Enviada especial

"A política indigenista brasileira precisa ser reformulada, pois esforços isolados de uma minoria de bravos não vão solucionar o problema dos índios, que hoje, mais do que nunca, sofrem as pressões das frentes de expansão da Amazônia" — afirmou ontem, em Culabá, o diretor do Museu Goeldi, de Belém, Eduardo Galvão.

Para o antigo chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas do extinto Serviço de Proteção ao Índio, o programa de integração da Amazônia, com abertura de estradas que passam em territórios onde vivem tribos ainda isoladas, modificou substancialmente o trabalho de atração e pacificação desses grupos.

"Até poucos anos atrás — afirmou — o processo aculturativo demorava anos seguidos, pois a ocupação das novas áreas ocorria de forma vegetativa. Os conflitos entre os invasores brancos e os índios, que se rebelavam com a presença dos colonos em suas terras, eram isolados. Mas agora, com a marcha de frentes maciças de penetração, a situação mudou de aspectos, sendo, por isso, necessária também uma completa revisão da política indigenista brasileira".

Eduardo Galvão entende que, devido ao impacto que sofrem os grupos indígenas com a chegada brusca de máquinas e milhares de homens em terras, até então virgens, a Funai está adotando, cada vez mais, uma atitude paternalista e de assistência ao índio, mas não se reformulando para poder atuar, eficientemente, dentro da nova realidade amazônica. Disse: "Compreendo, perfeitamente, o problema de sertanistas, como Apoena Meirelles, que hoje estão amargurados com o destino de vários grupos indígenas por eles contactados. Realmente, atrair índios para o convívio pacífico com os brancos é muito fácil; o difícil é conseguir que essa população não fique marginalizada".

"Hoje em dia — acrescentou — somos mais de cem milhões de brasileiros, e nossos índios talvez não alcancem a casa dos oitenta mil. Com esse desequilíbrio populacional, o índio não encontra mais lugar na nossa sociedade, recebendo da Funai apenas uma assistência que não resolve o seu problema".

IMPORTANCIA DO INDIO

O diretor do INPA — Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — Paulo de Almeida Machado, que também participou do simpósio, defendeu o índio como peça fundamental para o desenvolvimento da Amazônia.

"O índio — afirmou — conseguiu viver todos estes anos completamente isolado, sem a nossa tecnologia, nossos antibióticos, em associação perfeita com a Natureza. Quem teve ocasião de entrar em contato com eles, antes de seu convívio com a sociedade, pôde verificar que eram fortes, saudáveis e felizes. Nós, que nós consideramos civilizados, não sabemos como viver na Amazônia. Alimentamos, petulantemente, a pretensão de dominar a Natureza. Isso pode ser representado pelas palavras de Simon Bolívar, que dizia: "Se a Natureza se opuser a nós, nós a dominaremos". No entanto, a verdade é que a Natureza pode ser destruída, mas jamais dominada".

E continuou: "O índio é um sócio da Natureza, não pretende dominá-la, e nós temos muito o que aprender com ele. Por este motivo, o índio não é um empecilho para o desenvolvimento da Amazônia. Temos, humildemente, que aprender com ele antes que acabemos com os grupos que ainda sobrevivem. É necessário um reexame da nossa atitude com relação aos grupos indígenas, pois até agora pensamos apenas em protegê-los devido à sua aparente fragilidade, mas se penetrarmos a fundo nesses indivíduos, veremos que, em termos de valor humano, eles são superiores a nós, brancos".